



LATUR
Laboratório de Territorialidades Urbano-regionais

MOVIMENTO NEGRO,

GÊNERO

E

JUVENTUDE

EM

SÃO PEDRO DE CIMA



**MOVIMENTO NEGRO,
GÊNERO
E
JUVENTUDE
EM
SÃO PEDRO DE CIMA**

Ficha Técnica:

Esta cartilha foi elaborada pela equipe de pesquisadores do projeto de extensão ECOMUSEU da Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima, da Universidade Federal de Juiz de Fora sob a coordenação da Professora Dra. Maria Lucia Pires Menezes e constituído pelos seguintes pesquisadores e autores:

Carina Prata

Dayana Francisco Leopoldo

Judson Lima

Rafaela Alves

Vitor de Castro Moraes

Guilherme Goretti Rodrigues

Volume 2

Universidade Federal de Juiz de Fora
Departamento de Geociências
Juiz de Fora, 2013

SUMÁRIO

MOVIMENTO NEGRO: A História do Movimento Negro no Brasil 4

A História do Movimento Negro na Comunidade de São Pedro de Cima 7

Tradição, nosso povo e as relações de gênero	9
TRADIÇÃO.....	9
UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA.....	12
NOSSO TRABALHO	14
GÊNERO E O NOSSO COTIDIANO	16
A Juventude em São Pedro de Cima	20
O QUE É “JOVEM”?.....	20
O QUE É SER JOVEM EM SÃO PEDRO DE CIMA?	22
MAS SERÁ QUE SEMPRE FOI ASSIM?	25
A RELAÇÃO DAS TECNOLOGIAS COM O TRABALHO.....	27
<i>Como é a participação dos nossos jovens?</i>	27
COMO OS JOVENS DE SÃO PEDRO DE CIMA ATUAM E PRESERVAM O NOSSO LUGAR?.....	30
Entrevista com a Professora Dalgiza Rufino Marques	32
REFERÊNCIAS	34
GLOSSÁRIO	37




Movimento Negro: A História do Movimento Negro no Brasil

Movimento negro é a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. (DOMINGUES, 2007, p. 101)

Em 1889, um ano após a abolição da escravatura (1888), foi proclamada a República¹ no Brasil. Naquele tempo, apenas os homens livres e adultos podiam votar, por isto o novo sistema político não garantiu muitos ganhos para a população negra. Pelo contrário, houve a marginalização e criminalização destas pessoas. Para tentar reverter esta situação, os ex-escravos, agora libertos começaram a se mobilizar, principalmente aqueles que residiam nas cidades mais importantes do país. Entretanto não havia uma organização nacional que unisse todos esses movimentos.

Sendo assim, somente a partir de 1930 que o movimento negro busca consolidar sua organização nacional com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), que até a primeira metade do século XX foi a mais importante entidade negra do país. Fundada em São Paulo por Francisco Lucrecio tinha como objetivos desenvolver a consciência dos negros alfabetizados de sua importância no período de formação do Brasil e seu atual estado de marginalização social (VELASCO, 2009). A chamada Revolução de 30, quando assume o poder dirigente do país tendo como presidente Getúlio Vargas, significou profundas mudanças


¹ A República é o sistema de governo em que seu representante oficial é eleito pelo voto direto de cada cidadão e eleitor. No Brasil atual o sistema é republicano-presidencialista, isto é, o presidente eleito é ao mesmo tempo Chefe de Estado e Chefe de Governo.



no equilíbrio de poder, neste momento as emergentes classes urbanas, incluindo os segmentos populares e somado a eles os negros passam a ter uma expectativa de maior representatividade e mobilização de suas demandas sociais. Em 1934 ocorreu em Recife o **Primeiro Congresso Afro-Brasileiro**, organizado e proposto por Gilberto Freire, intelectuais, acadêmicos, antropólogos e integrantes da **Frente Negra Pernambucana**. Três anos depois, na cidade de Salvador capital do estado da Bahia, realizaram-se as atividades do **Segundo Congresso Afro-Brasileiro**. Este Congresso contou com a participação de intelectuais e acadêmicos. Organizado pelo Governo do Estado da Bahia teve grande repercussão nacional, contando com participantes de todo o Brasil (GOMES; BAKOS, 2007). Juntamente com a fundação da FNB, uma entidade nacional, vários outros movimentos foram surgindo; é o exemplo da União dos Homens de Cor (UHC) com uma maior atuação no sul do Brasil e também o Teatro Experimental do Negro (TEN), com sede e atuação no estado do Rio de Janeiro. Importante destacar que todos estes movimentos tinham um objetivo principal e comum de integração e socialização da cultura e do povo negro na sociedade brasileira.

Com o golpe militar de 1964, toda a tentativa de organização e luta do movimento negro foi derrotada pela repressão política. Com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, ainda na ditadura militar, tem-se a volta do movimento negro à cena política do país. O MNU propõe então unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas em escala nacional.

No calendário nacional foram criadas algumas datas para lembrar a luta do povo negro, dentre elas estão: o **13 de maio** que era dia de comemoração festiva da abolição da escravatura, transformou-se em **Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo**. A data de celebração da criação MNU passou, então, a ser o **20 de novembro** (provável dia da morte de Zumbi dos Palmares), eleita como **Dia Nacional da Consciência Negra**.



Neste mesmo período, o movimento negro passou a intervir diretamente na educação, com propostas fundadas na revisão dos conteúdos preconceituosos dos livros didáticos; na capacitação de professores para desenvolver uma pedagogia interétnica; na reavaliação do papel do negro na história do Brasil e, por fim, ergueu-se a bandeira da inclusão do ensino da história da África nos currículos escolares (DOMINGUES, 2007).

Desta forma, podemos observar que a história do Movimento Negro em nosso país tem sido lenta e um pouco conturbada e que tiveram vários momentos de ganhos para toda a sociedade e principalmente para a comunidade negra, mas também houve momentos de derrotas.

Vamos ver agora como foi esta história dentro da nossa comunidade? Será que como o movimento nacional a nossa comunidade sofre com os mesmo desafios?





A História do Movimento Negro na Comunidade de São Pedro de Cima²


A história do Movimento Negro em São Pedro de Cima começa há pouco tempo, aproximadamente no ano de 2007.

O início desta história teve o auxílio de duas professoras da Escola Municipal Lia Marta: Cida e Dalgiza, que junto com outros membros da comunidade criaram o Movimento Negro Avura no município de Divino. Dentre a população da comunidade, participaram Silvânio Ferreira de Paulo (Paulão), Salvador Januário Braga, Antônio Durico Braga, Elzelene Braga e Glaucilene Aparecida da Silva Pereira.

Essas pessoas começaram a se reunir mensalmente para discutir temas relevantes e de interesse da coletividade, sendo que, um deles era a possibilidade de reconhecimento do lugar, através da Fundação Palmares, como uma Comunidade Remanescente Quilombola. Outra atuação do Movimento consistiu em trazer algumas discussões sobre temas como: escravidão, desigualdade social, preconceito e discussão sobre o modelo educacional.

No início, um dos problemas enfrentados, segundo relato de alguns moradores, foi o não reconhecimento identitário enquanto remanescentes quilombolas de alguns moradores da comunidade, dificultando assim a entrada e construções mais coletivas de algumas ações do Movimento Negro. Esta situação pode ser explicada pela inexistência de questionamentos e discussões sobre a condição negra e como herança de uma sociedade ainda marcada pelo autoritarismo e pelo controle de terras nas mãos dos grandes e médios proprietários não negros.

² Para o levantamento destes dados, ouvimos os relatos de alguns moradores que fizeram parte de todo o processo de fundação do Movimento Negro na comunidade, dentre eles estão: Paulão, Salvador, Sr. Dórico, Sr. Vico e Aldalgiza.



Atualmente, o Movimento Negro conta com a presença de 20 membros dentro da própria comunidade. Devido a problemas como falta de verba e de espaço físico, as reuniões não estão acontecendo o que compromete a materialização das ações e a construção de algumas atividades. As atividades que ainda fazem parte do calendário do Movimento Negro dentro da comunidade contam com a ajuda de todos os moradores. São festividades locais, especialmente a comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro.

Ao longo das atividades do projeto “ECOMUSEU” os moradores entrevistados foram unânimes ao falar da grande importância do mesmo para a comunidade é a necessidade da construção de um espaço físico multiuso onde haveria um local para a realização das reuniões do Movimento Negro, uma das soluções encontradas pelos próprios moradores e integrantes do movimento para a reorganização dos projetos na comunidade. Assim como a existência de um espaço de memória e encontros da comunidade local, incluindo especialmente os afrodescendentes, possibilitaria a integração continuada da comunidade na preservação de sua vida social e de sua história.





Tradição, nosso povo e as relações de gênero


TRADIÇÃO

Desde que nascemos prendemos o tempo todo. Ainda no colo da mãe nos são passados os primeiros conhecimentos, com o passar do tempo e o crescimento natural, desenvolvemos formas de troca e aprendizagem com o mundo.

Inicialmente o mundo é a nossa casa e é no convívio com o meio familiar que aprendemos as primeiras noções básicas de comportamento, do que comer, vestir, celebrar, pensar e, muitas vezes, até mesmo do que sentir.

Quem não se recorda das histórias da família, aqueles casos antigos que nossos avós contavam sempre nos grandes encontros, a maneira como a família surgiu, como os integrantes familiares foram morar naquele determinado lugar, ou ainda, as missas tão comuns aos domingos, as reuniões para as comemorações de finais de ano e outros tantos feriados com motivos católicos, como Dia de Reis, a Semana Santa, Páscoa e dias de santos?

Provavelmente a religião é um dos primeiros elementos tradicionais passados às gerações, devido ao fato de muitas vezes a vida camponesa ser construída com base nos preceitos religiosos. Posteriormente, o trabalho ganha a sua posição de destaque, uma vez que observamos as atividades dos pais, como e o que fazem para trazer à família o sustento, organização e funcionamento do ambiente domiciliar. Assim, pais e mães são quem, em geral, apresentam e transmitem tais tarefas (a lida na roça e a preparação dos alimentos, cuidados com a casa e o trato dos animais) aos filhos.




*A liça no campo é dura, mas tem o seu laço bonito...
O canto dos pássaros, o contato com a natureza,
Reuniões, prosas, "causos" e as "treições", ritos...
Formas de lazer, cada vez mais, de rara beleza.³*

O processo de aprendizado do mundo não é construído somente no âmbito familiar: a escola e a comunidade, desempenham papéis fundamentais na construção da personalidade, nossos conhecimentos gerais e visão de mundo.

Somente quando saímos de casa e temos a oportunidade de interagir no meio social é que temos uma noção mais clara das nossas raízes e conseguimos nos diferenciar uns dos outros, nos agrupamos de acordo com nossas afinidades: conjunto de fatores e características que identificam um grupo e o aproxima de outros. A aproximação entre pessoas que apresentam semelhanças e afinidades entre si é comum, logo temos o grupinho de colegas na escola, o grupo de amigos na rua ou vizinhança em que moramos, depois o grupo do trabalho e assim por diante – estamos sempre nos socializando, isto é, convivendo e compartilhando as histórias que fazem parte da nossa vida.

Mesmo com todo o esforço para nos distinguirmos uns dos outros, acabamos por nos agrupar em pequenos grupos de pessoas com as quais temos maior identificação. É bom lembrar que todos nós pertencemos, querendo ou não, a uma coletividade muito maior, ligada tanto pelo lugar que vivemos: Brasil, Minas Gerais, Divino ou São Pedro de Cima; quanto pelo conjunto de hábitos, maneiras e costumes que nos dão a denominação de brasileiros.

³ SILVA, Ibernise M. Moraes. **Trabalhador no campo alegria e martírio...** 2007. Disponível em:
<<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=31675>>.



[...]
Eu sou misto!
Misturado! Dado!
Mau encarado!
Adorado, desandado!
Oferecido! Prometido!
Amado!

Esse som de gostos!
Essa vitamina de faças!
Essa briga de cheiros!
Do frio, calor
Voracidade, vontade!
Desvelasse em amor, carinho
Mãgoa, Saudade!#

Com isso, o elo entre todos os povos e toda a diversidade encontrada nos quatro cantos do Brasil advém de elementos tradicionais primordiais, como a língua, a alimentação e as práticas que realizamos junto às nossas famílias, comunidade e em outros lugares, o que nos evidencia o significado do termo "cultura". Todos têm uma cultura, algo que se inicia logo que recém-chegamos ao mundo. A reunião e preservação de cada cultura são extremamente importantes para a conservação da variedade e identidade do nosso povo, uma vez que não existe uma cultura melhor ou mais importante que outra.

⁴ GOMES, Henrique. **Essa brasilidade**. 2010. Disponível em: <<http://embuscadapropriapoesia.blogspot.com/2010/03/essa-brasilidade.html>>.




UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Inicialmente nossa comunidade foi formada por ex-escravos oriundos das fazendas vizinhas que migraram em busca de liberdade, melhores e mais dignas condições de vida e da oportunidade de plantar e construir suas vidas sem o sofrimento e angústia de outrora. Logo encontraram abrigo nas grandes montanhas férteis da zona da mata mineira, conseguindo crescer e se multiplicar com o passar dos anos. Algum tempo depois, outros moradores foram chegando e se instalando na comunidade, muitos deles devido à divisão das terras de famílias tradicionais depois do casamento de seus filhos e filhas, outros por meio de compra e negociações de terras.

Foi esse processo que possibilitou o surgimento do que conhecemos hoje como Comunidade de São Pedro de Cima, nome dado pelo Sr. Pedro Malaquias, um dos primeiros habitantes de tais terras. Porém, São Pedro de Cima já foi conhecida como São Pedro dos Crioulos, devido à provável contribuição escrava no processo de formação e desenvolvimento cultural da comunidade.

A partir da iniciativa de representantes da prefeitura do município de Divino, junto à comunidade de São Pedro, criou-se um grupo voltado para o debate e a conscientização social ligado ao Movimento Negro. Assim, em 28 de julho de 2006, a comunidade ganhou a certificação de Comunidade Remanescente Quilombola, concedida pela Fundação Cultural Palmares. Criada em 1988 a Fundação Cultural Palmares:

[...] é uma instituição pública vinculada ao Ministério da Cultura que tem a finalidade de promover e preservar a cultura afro-brasileira. Preocupada com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana, a Palmares formula e implanta políticas públicas que potencializam a



participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do País. (BRASIL, c2013).⁵

A Fundação Cultural Palmares é hoje uma organização atuante no cenário das comunidades tradicionais, ajudando, estudando, reconhecendo e certificando todas as comunidades que apresentem um histórico de formação ligado a negros e ex-escravos, levando em consideração as manifestações culturais presentes até os dias atuais.


Neste contexto, é importante sabermos que Palmares foi o primeiro quilombo do Brasil, formado por escravos guerreiros que se rebelaram contra os maus tratos, abusos e arbitrariedades praticados pelos senhores proprietários de terras que os escravizavam. Tomaram a decisão de fugir dos grandes engenhos de açúcar e lavouras de cana da região do nordeste brasileiro e foram se reunindo em uma comunidade, o Quilombo dos Palmares, daí a origem do nome da Fundação Cultural Palmares. Hoje, estima-se que haja mais de quatro mil comunidades remanescentes quilombolas espalhadas por todo o território nacional.

*Na busca incessante, da paz tão sonhada
Fugindo dos açoites e dos ferros em brasa,
Do medo dos senhores e da aflição da senzala,
Na Serra da "Barriga" fizeram morada*

*Protegidos por florestas de palmeiras
E tendo o velho mestre na dianteira
Os filhos do infortúnio e da tortura
Esqueceram-se das algemas e das canseiras.⁶*

⁵ Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/quem-e-quem/>>.

⁶ Poema de Maria Teresa Pinheiro, publicado na IV Antologia de Poetas e Escritores do Brasil – Volume XI – 1989 (Selecionados pela Revista Brasília), organizada por Reis de Souza (c.f. PINHEIRO, 1989).



É inegável que a ocorrência de todos esses fatos na formação de um lugar provoca em sua história marcas de uma trajetória conturbada e, muitas vezes, violenta, ou não tão pacífica. Entretanto, o tempo exerce sua força, assentando as experiências que marcaram a história da comunidade e possibilitando a reprodução de uma vida mais pacífica e tranquila, onde todos detêm força e meios para trabalhar.


NOSSO TRABALHO

A cultura, assim como o tempo, não param de avançar, o que contribuiu fortemente para o crescimento de nossa comunidade. São Pedro de Cima foi um lugar que tinha, há algum tempo, a sua produção agrícola voltada apenas para a subsistência familiar (arroz, feijão, milho, hortas, porcos, galinhas etc.). Mas, a partir da década de 1980 ganhou incentivos financeiros, via liberação de crédito para os trabalhadores rurais, com o objetivo de aumentar a produção agrícola cafeeira na região. Esse interesse se deu principalmente por conta de um plano de expansão de mercado proposto pelo então presidente, João Figueiredo (1979-1985), sob o lema: “*Plante que o João Garante*”.

Nas últimas décadas, São Pedro cresceu e se desenvolveu tendo o café como sua principal atividade econômica. A cultura do café determina e influencia diretamente o cotidiano de seus trabalhadores e de todos que os vivem na comunidade, pois divide o ano em basicamente duas etapas:

- * **Primeira etapa** (novembro a abril): definida pelo replantio e cuidado com a lavoura, limpeza dos cafezais e o preparo da terra.
- * **Segunda etapa** (maio a outubro): é a parte de maior importância, caracterizada pela "panha", secagem e limpeza do café e negociação da venda.


É durante a segunda etapa que a vida social da comunidade revela maior vivacidade. O trabalho da "panha" do café acarreta uma



imensa demanda por mão de obra, e quem poderia ser melhor do que os próprios moradores de São Pedro para dar conta dessa árdua tarefa? É preciso então haver uma união entre vizinhos e parentes para a realização da "panha", demonstrando um sistema de trabalho baseado na coletividade, sendo que, na maioria das vezes, a forma mais encontrada é a de permuta (ou troca) de dias. Ou seja: entre esses grupos que se unem para este tipo de trabalho prestado aos vizinhos e é retribuído com o mesmo número de dias em cada lavoura.

*Assim que o dia anuncia
Acorda às cinco da manhã
e pega a sua boia fria.
Enche o peito de orgulho e leva sua inchaça.
Aquele companheira de sempre
dessa longa jornada.
Com suas mãos caleçadas e o rosto pingando suor.
O dia vai passando e o cansaço vai ficando pior.
Com seu chapéu de palha
é meio que tapar o sol com a peneira.
Mas sua alegria vem
quando vê seus filhos descendo a ladeira.
Chegando da escola
muito humildes com os cadernos dentro de uma sacola.
Ele vai logo dizendo
Meus filhos de cansaço teu pai estar sofrendo.
vai logo em casa almoçar para teu pai vim ajudar.
Das minhas mãos caleçadas meus filhos
eu tiro o sustento pra vocês poder estudar.⁷*

⁷ ALVES, Juscelino. **Trabalhador rural**. 2010. Disponível em: <<http://sitedepoesias.com/poesias/64928>>.




Durante esses seis meses comandados pela "panha" do café, as mulheres e as crianças ganham evidência no que diz respeito à produtividade no campo, pois complementam e garantem a eficiência na colheita das lavouras, desempenhando com destreza as responsabilidades e cuidados caseiros.

GÊNERO E O NOSSO COTIDIANO

São inúmeros os fatores que diferenciam as pessoas umas das outras, muitas dessas características são construídas ao longo da vida, de acordo com a nossa herança familiar, com o meio social em que nascemos e com que convivemos. O processo de formação da nossa cultura torna-se primordial na construção dos valores, ideias e modos de vida, sendo refletido pela maneira que nós interagimos não só com as pessoas da comunidade, mas também com o lugar onde vivemos.

Uma das primeiras diferenciações que percebemos, quase que por instinto, é a noção da existência de dois sexos diferentes, o masculino e o feminino. As diferenciações das funções e comportamentos sociais dos sexos: feminino e masculino; chamam-se relações de gênero. Na maioria dos casos, as famílias são constituídas por um pai (o homem) e uma mãe (a mulher), embora em muitos casos os filhos sejam criados apenas pela mãe ou pelo pai, situações em que a principal referência das crianças torna-se a figura feminina da mãe ou a figura masculina do pai. Nesta perspectiva, todas as variações observadas entre o masculino e o feminino ou o homem e a mulher são, em conjunto, exemplos de relações de gênero.

Assim, as chamadas relações de gênero podem ser percebidas por meio da observação do cotidiano familiar e da divisão de tarefas e responsabilidades sociais de cada um, divisão que apresenta semelhanças, mas também muitas diferenças, quando observamos e comparamos a vida no campo e a vida urbana, isto é, da cidade. No caso




da vida no campo, como a da Comunidade de São Pedro de Cima, geralmente as mulheres são as responsáveis pela organização da casa e tudo o que isso envolve, como o preparo das refeições, a educação dos filhos, bem como pelos serviços que, em muitos casos, complementam o trabalho do marido, que tem a responsabilidade do trabalho no campo, preparando a terra, semeando e colhendo, e trazendo, daí, o sustento financeiro de sua família.

Assim, a mulher camponesa atuaria na casa (unidade de consumo) onde desempenharia um papel complementar ao homem, que atuaria no âmbito da unidade de produção. Nesse contexto, tudo o que se ligaria à preparação para o consumo do que a terra produziu é atribuição da mulher. (FERREIRA, 2006, p. 110).

Dessa maneira, a família ganha um papel de destaque uma vez que evidencia os papéis sociais, ou seja, nos mostram, inicialmente, como os gêneros se distinguem e, também, desfrutam de complementaridade. Outro ponto essencial relacionado à família é a transmissão de valores e cultura.

A família (e especialmente a mulher) funciona como um elemento-chave não apenas para a “sobrevivência” dos indivíduos, mas também para a transmissão do capital cultural, do capital econômico, para a proteção e socialização de seus componentes e de solidariedade entre gerações. Atuando como uma instância mediadora entre indivíduos e sociedade, a família opera como organização responsável pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas e também como espaço de produção e transmissão de práticas culturais. (SANTOS, 2007, p. 89).



Em nossa comunidade, as mulheres tornam-se imprescindíveis no trabalho referente à "panha" do café, por não haver mão de obra masculina suficiente para dar conta da grande produção cafeeira local. Assim, as mães de família, com toda presteza, trabalham intensamente nas lavouras, proporcionando o aumento da produtividade e o conseqüente crescimento da renda familiar.

A partir de todo esse envolvimento da mulher na atividade econômica da comunidade, aos poucos foram ocorrendo mudanças referentes à forma de pensamento feminino, isso é, a prática do trabalho coletivo e igual para todos resultou numa nova concepção da função da mulher e sua importância na produção. Com o tempo também ocorreram mudanças na forma de os demais habitantes da comunidade pensarem sobre a mulher, que passa então a ser vista de outro modo: como companheira na lida do trabalho, de igual para igual com os homens. A participação em uma forma de trabalho de que não participavam outrora contribui para que as mulheres da comunidade começassem a perceber a sua importância enquanto agentes sociais responsáveis pela reprodução e manutenção dos costumes, mas também de sua transformação, além de responsáveis apenas pela criação e fixação de suas famílias no meio rural.

Com isso, é importante o reconhecimento geral da relevância e da precisão do trabalho feminino, assim como oficializar este trabalho garantindo o pagamento de horas e dias trabalhados. Esta garantia resulta na possibilidade da permanência das mulheres na comunidade, para que elas não sintam a necessidade de sair do campo e vender sua mão de obra em trabalhos domésticos nas cidades vizinhas. Que a decisão das mulheres de partir da comunidade seja uma opção pessoal e não que sejam obrigadas a sair.

Muitas vezes esta obrigação liga-se as necessidades dos filhos na formação escolar, mas na Comunidade de São Pedro de Cima outra luta que a comunidade tem que manter é a da oferta da formação escolar do ensino básico, pois toda comunidade precisa contar com boas escolas.



Algo que deve ser cobrado sempre do governo pela comunidade, já que o direito à educação é de todos.






A Juventude em São Pedro de Cima

O QUE É “JOVEM”?

Para falar sobre os jovens em São Pedro de Cima temos que recorrer ao próprio significado desta palavra. É bem verdade que quando pensamos em “jovens” caracterizamos uma pessoa de pouca idade, com pouca experiência de vida e que ainda não está legalmente apto a assumir responsabilidades na sociedade em que vivemos. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera a população jovem como aquela de idade entre 15 a 24 anos, uma vez que este período é considerado fundamental para a vida política, social e cultural destas pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2012). No entanto, também é verdade que a caracterização da idade dos jovens varia de país para país. Um dos exemplos é a questão da maioridade penal, idade em que o indivíduo responde pelos seus atos através das leis. No Brasil ela é de 18 anos, mas em países como a Austrália, África do Sul e Suíça ela é de apenas 7 anos (SOARES, 2006).

Portanto, o que nós podemos perceber é que cada país irá definir a idade de seus jovens a partir das características de sua população condicionada pela história de sua economia e de sua cultura. Portanto, o que diferencia as diferentes idades estabelecidas para os jovens é que somos diferentes uns dos outros, assumindo características culturais distintas.

Mas, ao mesmo tempo a construção social da juventude pode se dar de forma muito variada nas diferentes sociedades e em diferentes momentos históricos. Assim, podemos dizer que cada sociedade e cada grupo social lida e representa de maneira diversa esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades



religiosas, valores), de gênero, nas regiões geográficas, dentre outros. (DAYRELL; GOMES, [20--], p. 3).

Desta forma, o “ser jovem” pode receber múltiplos conceitos, que podem variar de acordo com o grupo social em que ele está inserido.


A Comunidade de São Pedro de Cima no que diz respeito à juventude encontra-se num momento de intensas transformações. A história do mundo nos revela que a juventude existente no passado não é a mesma da juventude do presente, porém a essência de ser jovem em São Pedro de Cima ainda é a mesma.

A juventude de São Pedro de Cima de hoje poderá nos mostrar como vai ser a comunidade no futuro, principalmente no que diz respeito aos novos costumes estabelecidos em uma realidade dinâmica, com novos elementos a serem identificados e analisados e que não pode ser separada de toda a tradição existente na comunidade.

Devemos considerar toda a comunidade para saber sobre a juventude de São Pedro de Cima, pois para entendermos o presente é necessário fazermos uma comparação com as juventudes que existiram no passado para, então, entendermos todas as transformações acontecidas na comunidade no decorrer dos anos.

É importante ressaltar que é a partir dos relatos de todas as faixas etárias, isto é, dos idosos, adultos, adolescente e crianças que conseguimos colocar o contraponto das práticas e costumes realizados em épocas e contextos sociais, políticos e econômicos diferentes, principalmente no que se refere aos princípios e aos saberes. E reconhecer a presença cada vez maior de um novo elemento: a tecnologia.

A tecnologia pode ser entendida como o conjunto de saberes técnicos e conhecimentos científicos que produzem técnicas, máquinas e ferramentas que passam a fazer parte direta ou indiretamente do cotidiano da vida das pessoas em geral. A partir da entrada cada vez mais intensa desse elemento – a tecnologia – a comunidade passa por



transformações que vão desde o seu trabalho na agricultura até as relações sociais existentes.

É importante para a comunidade saber como se deu essa mudança, ajudando ainda mais a reforçar o senso comunitário. Uma vez que sabemos das diversas transformações em São Pedro de Cima, devemos pensar, discutir, conversar para termos consciência e não permitirmos que a chegada destas novas tecnologias e tendências atue enfraquecendo a riqueza cultural de São Pedro de Cima e, principalmente, preservando suas raízes enquanto comunidade rural e quilombola.


Uma coisa é certa em São Pedro de Cima: seja criança, adulto ou idoso, São Pedro de cima torna-se única pela sua integração e hospitalidade. Através de seus sonhos e conquistas, seus habitantes cultivam a esperança de continuar a viver em uma comunidade sempre melhor.

O QUE É SER JOVEM EM SÃO PEDRO DE CIMA?

Como vimos anteriormente cada país, ou melhor, cada grupo ou comunidade definirá jovem de uma maneira. Mas a pergunta que devemos fazer é: como São Pedro de Cima definiu seus jovens? Por mais difícil que seja responder esta pergunta, basta olhar e pensar no comportamento diário das pessoas.

Como em todo lugar, também em São Pedro de Cima ser jovem no passado era muito diferente dos tempos de hoje. Em uma realidade diferente e com tempos difíceis, os jovens no passado trabalhavam desde cedo: ajudando nas lavouras existentes, na aquisição de lenha ou nos serviços domésticos.

Ajudar os pais, ou os mais velhos era uma obrigação normal, e cada criança, cada adolescente tinha suas atividades estabelecidas. O trabalho não era forçado, apenas era uma necessidade das famílias,




pois quanto mais gente trabalhando era sinal de melhor aproveitamento.

O compromisso da juventude do passado ia muito além do trabalho. Também tinha uma forte ligação com a religiosidade, quando os jovens participavam ativamente das manifestações religiosas existentes na comunidade. Além da religiosidade, compunham e participavam das manifestações culturais tradicionais, como a folia de reis e a charola.

No que se refere à educação, os mais antigos contam que era muito mais difícil do que hoje. Não existia o transporte motorizado para locomoção e também não tinha material didático adequado para as aulas. As condições estruturais da escola não eram adequadas. Porém, havia uma vontade muito grande de estudar, pois além da vontade de saber ler e escrever e do sonho de garantir um bom futuro, o carinho e respeito que os professores tinham com os alunos era mais um fator positivo para a ida à escola.

Em um passado não muito distante, as condições de vida em São Pedro de Cima eram outras, e a juventude tinha outra forma de se expressar no espaço, seja por conta do trabalho, da religião, das festas ou do lazer. O tempo passou e muita coisa mudou, em especial, em São Pedro de Cima. O jovem de hoje é diferente daquele do passado, as mudanças que ocorreram na comunidade gerou uma enorme transformação sociocultural.

Hoje, o jovem em São Pedro de Cima pode ser aquele que frequenta a escola, que se reúne em vários espaços da comunidade, quer seja nas casas de parentes ou amigos, ou em outros espaços, como o campo de futebol, a Igreja ou até mesmo quando em tempos de calor passa se refrescar nas águas dos rios de São Pedro de Cima. Sobretudo, o jovem na nossa comunidade frequenta diversos espaços. Não podemos nos esquecer, é claro, de que o jovem de hoje além estar presente nas festas oferecidas pela comunidade (aniversários ou festas




religiosas) tem a facilidade de participar dos eventos que acontecem nas cidades próximas, como Divino, Orizânia, Luisburgo, Carangola, dentre outras.

O marcante dos jovens em São Pedro de Cima é a capacidade de se inovar e de se reinventar. O acesso às cidades vizinhas, a chegada das tecnologias como o rádio, televisão, celular e mais recentemente a internet na escola, e até mesmo a chegada dos meios de transporte como carro, moto e ônibus, muito auxiliaram nesta conexão da comunidade com outras regiões e fizeram com que os jovens se conectassem com o mundo.

Através de músicas, dos modos de se vestir, de falar e principalmente de conviver, os jovens de São Pedro de Cima vêm assumindo uma característica mesclada tanto da cultura herdada dos seus pais (baseada em princípios tradicionais da comunidade) como das cidades que o cercam, isto é, do modo de vida urbano. Desta forma, o que percebemos na comunidade é que os jovens possuem identidades mescladas de várias culturas.

No discurso da comunidade percebe-se que a transição da juventude para a fase adulta se inicia no momento em que o jovem assume e participa, sobretudo, do trabalho da família. Isto pode ocorrer de forma mais efetiva; por meio da principal atividade econômica na comunidade, o café, ou pelos trabalhos e práticas realizadas para a subsistência familiar. Em outros casos, a própria saída desta pessoa para algum centro urbano para trabalhar ou estudar marca esta transição para a vida adulta.

Sendo assim, perceberemos que independente do sexo, raça ou religião, ser jovem em São Pedro de Cima é desfrutar do ambiente da natureza e do convívio com a comunidade. É ir paulatinamente se aproximando do mundo dos adultos e do trabalho. Enfim, é um momento de grandes descobertas, de certezas e incertezas. É ter o descuido de não se preocupar com nada, ou preocupar-se demais. É



traçar metas, objetivos, enfim: sonhar com o futuro, mas, sobretudo transformar o futuro em um presente que atenda as demandas da reprodução da vida familiar.


MAS SERÁ QUE SEMPRE FOI ASSIM?

Ao dizer que hoje o jovem de São Pedro de Cima possui uma identidade em que se misturam o passado e o presente, isto acontece a partir do momento em que ele é exposto às tendências do mundo que o cerca, principalmente do modo de vida urbano. Como consequência há uma mudança no comportamento deste jovem na comunidade (sejam pelas músicas ouvidas, modos de se vestir, de se comunicar, etc.). E, claro, tudo isto ocorreu devido, também, a influência das inovações tecnológicas. Em um dado período da história começou a chegar o transporte automotor, os utensílios domésticos, o rádio e posteriormente a televisão.

De acordo com os relatos da comunidade o primeiro meio de comunicação com as regiões mais distantes foi o rádio. Mesmo assim não servia para se comunicar com as outras pessoas, mas somente para ouvir as notícias do Brasil afora.

[...] os programas de rádio contribuíram para que grupos de diversas regiões de um mesmo país, antes afastadas e desconectados, se reconhecessem como parte de uma totalidade. (CANCLINI, 1996, p. 140).

As pessoas com mais idade contam que em certa hora do dia, juntava-se a família toda próximo ao fogão à lenha para ouvir a missa. O rádio era um instrumento de informação e lazer que a comunidade dispunha. Era a partir do rádio que as pessoas tomavam conhecimento sobre o que estava acontecendo no mundo.




Outros meios de comunicação que existiam na época eram as cartas, telegramas ou até mesmo o contato direto, isto é, indo pessoalmente se comunicar com a outra pessoa. Antigamente, pelo restrito acesso às demais cidades ou regiões, uma vez que o acesso para a cidade era precário, o transporte era feito por meio de cavalos, mulas, charretes ou carro de boi. Isso fazia com que os jovens da comunidade ainda mantivessem relações, na maioria das vezes, apenas na própria comunidade. Um dos exemplos é a prática da reunião, das conversas em grupos, da ida até as casas das pessoas ou ainda pela própria relação do jovem com o trabalho, que ocorria de forma mais intensa.

Com o passar do tempo, além do rádio, carta ou telegrama foram surgindo outras tecnologias que facilitaram a vida na comunidade, como a televisão, o celular, a chegada da internet, ou ainda os meios de transporte (ônibus, carro e moto). Esta nova realidade muda decisivamente a forma pela qual os jovens passam a se relacionar com outras pessoas, nas as relações de trabalho e também com a escola e o estudo.

A presença desses novos elementos deu um rumo diferenciado a historia da comunidade. Com a chegada e o acesso que a comunidade passou a ter aos transportes automotores, o uso do transporte animal foi ficando de lado e o tempo necessário de deslocamento ficou menor. Alguns serviços domésticos ficaram mais fáceis de serem feitos, uma vez que o liquidificador, a batedeira e a máquina de lavar vieram para auxiliar e facilitar os serviços. Até mesmo a chegada da geladeira trouxe um impacto muito grande, pois permitiu armazenar produtos e alimentos por mais tempo.

Não podemos nos esquecer de que todas estas inovações tecnológicas que chegaram a São Pedro de Cima só foram possíveis graças à energia elétrica. Antigamente para se obter energia era necessário ter um gerador ou até mesmo uma mini usina. Porém, este



gerador não era forte o suficiente para manter toda a casa, sendo apenas utilizado para o que era necessário. No caso da iluminação era utilizado o lampião a gás.

Outra coisa que mudou, também com o passar do tempo, foram às condições de trabalho na comunidade. No que se refere à lavoura, segundo relatos de moradores, não existiam nem as plantações de café. O trabalho no campo era feito em outras propriedades, nas fazendas existentes na região. Em casa muito mal existia uma pequena horta, com os alimentos básicos para a sobrevivência.

O trabalho, por ser em outra propriedade, era considerado muito pesado, uma vez que se trabalhava muito e se ganhava muito pouco. Além do mais trabalhar em outras terras fazia com que as famílias em São Pedro de Cima não tivessem tempo de trabalhar e cultivar a própria terra, o que significava que em muitos terreiros nem existiam hortas. As condições de trabalhos eram péssimas e os instrumentos de trabalho não davam conta das tarefas a realizar.


Todo esse trabalho de forma precária era também praticado pelos jovens da comunidade. Mesmo assim eles nunca desistiram de ter um futuro melhor, tendo sempre se dedicado a família, ao trabalho, a religião e a cultura, formando o que é hoje a comunidade de São Pedro de Cima.

Portanto o nosso lugar nem sempre foi como é hoje, tendo os jovens do passado muito contribuído nas transformações pelas quais a comunidade passou.

A RELAÇÃO DAS TECNOLOGIAS COM O TRABALHO

Como é a participação dos nossos jovens?

A chegada das novas tecnologias mudou as variadas formas de convívio da comunidade, dentre elas a relação com o trabalho. Durante




a panha do café é utilizada uma máquina que facilita a remoção dos grãos por ser mais rápida e exigir menos do trabalho manual, isto é, das formas tradicionais de se “panhar” o café. No entanto, ela vem representando um verdadeiro problema com a mão de obra na comunidade, pois retira o trabalho de algumas pessoas.

Novas tecnologias tendem a criar um ambiente de conflito e mudanças de hábito no trabalho da lavoura. Com o acesso as novas máquinas o tempo da panha pode diminuir, fazendo com que o planejamento do cultivo imponha uma maior área plantada. O acesso a informação e, em especial, a mídia televisiva incentiva o uso do agrotóxico nas lavouras, com a enganosa versão de aumentar a produção e conseqüentemente a renda. Este é um novo momento que requer mais do que nunca a união da comunidade de trabalhadores para avaliar os custos e riscos destas novas práticas e o uso de defensivos agrícolas. Estes podem representar um grande perigo para a nossa comunidade, uma vez que podem poluir nascentes, o solo, o ar, matando bichos e, principalmente, podendo causar danos à saúde da comunidade. Além do mais, o uso dos agrotóxicos pode causar impactos negativos na hora da venda do café.

MAS, COMO NOSSOS JOVENS ESTÃO INSERIDOS NO TRABALHO?

Nos meses em que há a panha a juventude da comunidade, que frequenta a escola, passa a participar do trabalho de forma direta ou indireta. Ou ela está inserido na lavoura, fazendo a panha do café, ou ela atua dentro de casa, cuidando dos afazeres domésticos enquanto os pais estão trabalhando, já que no processo da panha do café há a participação tanto de homens quanto das mulheres.

Além da panha do café, os nossos jovens de hoje também estão inseridos em outros espaços de trabalho. Devido ao acesso a várias fontes de informações e até mesmo de vida, alguns jovens tem a



oportunidade de ir para a cidade. A ida para a cidade proporciona aos jovens de hoje a busca de várias coisas: podem ir para estudar e se formar em alguma especialidade ou ir em busca de um emprego.

Portanto, hoje é comum alguns jovens na comunidade trabalharem na cidade nos mais variados ramos, como os que se formam em alguma especialidade ou curso técnico.

Mas o que mudou efetivamente no trabalho juvenil no campo foram seus objetivos. Hoje em dia e, cada vez mais cedo, o jovem começa a trilhar seu caminho para o futuro. Enquanto alguns pensam em permanecer na comunidade, pois não veem vantagens em experimentar a vida urbana, em função da própria mudança no modo de vida rural, ou seja, há uma parcela dos jovens que ainda se identificam com o trabalho realizado na comunidade; há outros que pensam em sair e dar continuidade nos estudos ou buscar novas possibilidades de trabalho. Logo, em São Pedro de Cima como em qualquer outra comunidade rural, a juventude se divide entre aqueles que não gostam do trabalho na lavoura e os que pretendem dar continuidade ao modo de vida e o trabalho na comunidade. E é neste processo que os pais interferem de forma decisiva, dando apoio ou orientando às decisões deste jovem.

Sendo assim o jovem em São Pedro de Cima hoje vive um verdadeiro dilema: Sair ou não da comunidade? A dúvida existe, pois sabemos que por mais que a vida na cidade tenha condições de trabalho diferenciadas da vida no campo, a vida na comunidade é muito boa, pois a família está sempre por perto, os amigos, além de desfrutar de uma qualidade de vida que a cidade muitas vezes não tem.

Além do mais, morar na comunidade é sinal de ter uma vida digna, uma vez que sempre há trabalho, por mais árduo que seja. Além do mais, a qualidade de vida que se tem é única, uma vez que a comunidade pode se alimentar da própria horta e criação existente em casa, tendo sempre uma comida de qualidade e saudável.




COMO OS JOVENS DE SÃO PEDRO DE CIMA ATUAM E PRESERVAM O NOSSO LUGAR?

Carregamos em São Pedro de Cima o título de Comunidade Remanescente Quilombola. Ainda encontramos práticas tradicionais que evidenciam este passado: por meio das construções, culinárias, festas, religiosidades, misticismos, pelos ricos relatos trazidos por seus moradores e, principalmente, como junção de todos estes elementos, a forma de tratar o lugar, a terra, que sustenta toda esta comunidade e a natureza de São Pedro de Cima.

Dizemos que os jovens são o futuro de um país, de uma nação. Mas, são os jovens de São Pedro de Cima que darão continuidade e vida à comunidade. Falamos aqui como que os jovens vêm assumindo e incorporando diversas culturas, tanto do meio rural como do meio urbano. Não nos esquecemos de mostrar como a televisão, o celular, os meios de transporte, auxiliam e fazem parte dos costumes desta nova juventude. Seja de forma positiva ou negativa, o jovem vem seguindo as tendências colocadas por estes meios de comunicação, em um processo natural, mas que também tem os seus desafios ao mudar tão rapidamente usos e costumes.

Da mesma forma que os meios de comunicação ofertam novos produtos e tecnologias, eles também fazem com que troquemos nossos objetos por coisas novas. É bem verdade que todos nós temos direito a ter acesso a essas tecnologias, aliás, quem aqui não queria ter um carro, uma televisão, celular, computador? Ou então ter aparelhos para o uso doméstico como geladeira, fogão, microondas e máquina de lavar? Estes objetos facilitam a nossa vida diária, pois aumentam a produtividade do trabalho e podem facilitar a inserção e a comunicação entre as pessoas.

Assim como estes aparelhos e a constante evolução da tecnologia é a nossa vida. Desde quando nascemos somos moldados e temos



nosso jeito de pensar e agir, assumindo a perspectiva de sermos seres históricos. A todo o momento estamos nos transformando, incorporando novos pensamentos, sentidos e significados à nossa vida. Assim são os jovens de São Pedro de Cima, como todos os jovens de qualquer lugar, buscam incorporar para a sua vida as diversas relações que tem com o mundo.

E é esta capacidade de mudança que torna São Pedro de Cima diferente a cada dia. Mas, não podemos esquecer a qual comunidade pertencemos e queremos. Cabe aos jovens carregar consigo não somente a tradição de ser uma comunidade rural e remanescente quilombola, mas também entender como se formou a sua comunidade e a importância da manutenção enquanto um território de afirmação e de luta que tem sua importância na história do Brasil.

É preciso, portanto, que a juventude de São Pedro de Cima entenda que ela será o futuro da comunidade. E qual futuro ela quer para a comunidade? Será que entende sua importância na defesa do direito de todos sobre este lugar? Será estes jovens compreendem o valor do reconhecimento de sua descendência afro-americana?






Entrevista com a Professora Dalgiza Rufino Marques

Dalgiza nasceu e mora em Divino, Minas Gerais, hoje é professora de língua portuguesa em escolas de dois municípios vizinhos a sua cidade, Bom Jesus e Orizânia. Em uma gostosa conversa em sua casa com os participantes do projeto Ecomuseu da comunidade São Pedro de Cima, nos contou um pouquinho da sua história e sua relação com a comunidade.

Quando ainda menina conta que teve sua primeira noção sobre São Pedro de Cima, pois seu avô contava que os negros que eram escravos nas fazendas da região, fugiam para aquele lugar, que até então era conhecido como São Pedro dos Crioulos. Dalgiza conta que a história da sua família é uma história muito comum às famílias negras da época, eram seis irmãs e dois irmãos, uma família com poucos recursos financeiros, em que a maioria dos filhos começaram a trabalhar cedo, sendo que a maioria das meninas trabalhavam como empregadas domésticas. Foi trabalhando em outras casas que Dalgiza conseguiu pagar seus estudos, e saiu de divino para outras cidades como Carangola e Barra do Piraí, conseguindo se formar em Letras. Algumas de suas irmãs também se tornaram professoras. Conta-nos que durante toda sua vida sentiu o preconceito quanto a sua etnia, que se agrava ainda mais por ser mulher. Ainda adolescente decidiu lutar contra o racismo.

Exercendo sua profissão de professora, Dalgiza percebeu a oportunidade de conquistar mais pessoas e realizar ações para a luta contra o preconceito racial. Em 2005 foi convidada pelo então prefeito de Divino, para que, juntamente com a professora Cida, assumissem a diretoria da Escola Municipal Lia Marta.



Assim que chegaram à diretoria, com acesso aos dados da escola, perceberam um grande número de reprovação de alunos e também uma grande evasão escolar. Além dessas constatações notaram a pouca matrícula de alunos negros na escola e a pequena identificação do espaço escolar para com a comunidade. Pensando em alterar este quadro escolar, Cida e Dalgiza realizaram reuniões com os pais, com professores e se inteiraram mais com as famílias da comunidade, conscientizando-as da importância de matricular seus filhos na escola.

Suas ações melhoraram um pouco a escola, mas percebiam a necessidade de fazer mais. Foi então que, com a intensificação da relação com a comunidade, surgiu a ideia de criar o movimento negro Avura, que em dialeto angolano significa “Bom demais”. Este movimento foi criado com a participação de membros da comunidade, começou em São Pedro de Cima, mas a sede tinha que ser municipal, por isso o movimento é de Divino. O movimento nasceu da necessidade de melhorar a autoestima dos negros e negras da comunidade e da cidade de Divino.

A ação central do Movimento Avura era a de trazer conhecimento para a comunidade e se relacionar com outros Movimento Negros da região. Conhecimento da história Afro-brasileira, de danças, música, capoeira entre outras atividades. Foi através deste conhecimento, e da ajuda da então assistente social da prefeitura (Ione), que tiveram o primeiro acesso a fundação Palmares e a ideia de território quilombola. Estudando o que é quilombo a partir deste movimento negro começou outro movimento, o de reconhecimento da comunidade de São Pedro de Cima como remanescente quilombola.

Atualmente é difícil a realização de reuniões e atividades, pois a distância dificulta os encontros e o planejamento de ações, porém Dalgiza acredita que é apenas uma fase, e que tentarão formas de burlar as dificuldades e até pensa na realização de um evento no dia 13 de Maio.



REFERÊNCIAS

ALVES, Juscelino. **Trabalhador rural**. 2010. Disponível em:
<<http://sitedepoesias.com/poesias/64928>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares.
Apresentação. c2013. Disponível em:
<<http://www.palmares.gov.br/quem-e-quem/>>.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Movimento negro no Brasil. **Diálogos latino-americanos**, Aarhus, n. 7, p. 56-80, 2003.


CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. [20--]. Disponível em:
<http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2012.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO ON LINE. c2008-2013. Disponível em:
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 16 fev. 2012.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. Entre elas: afetividade versus complementaridade. In: WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Orgs.). **Margarida Alves: Coletânea sobre estudos rurais e gênero**. Brasília: MDA, IICA, 2006. p. 99-121. (NEAD Especial).



GABRIEL, Rafaela Alves. Café e progresso: uma reflexão sobre a comunidade remanescente quilombola de São Pedro de Cima. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIAL DA ZONA DA MATA MINEIRA, 3., 2011. Juiz de Fora: Faculdade de Economia UFJF, 2011.

GOMES, Arilson dos Santos; BAKOS, Margaret Marchiori. Ideias negras em movimento: da frente negra ao congresso nacional do negro. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 3., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/arilson%20dos%20santos%20gomes.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.


GOMES, Cristina. **Classes sociais**. c2006-2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/classes-sociais/>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

GOMES, Henrique. **Essa brasilidade**. 2010. Disponível em: <<http://embuscadapropriapoesia.blogspot.com/2010/03/essa-brasilidade.html>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

iDICIONÁRIO AULETE ON LINE. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 26 abr. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População jovem no Brasil**. c2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/default.shtm>. Acesso em: 17 mar. 2012.



LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

MALCHER, Maria Albenize. Identidade quilombola e território. In: FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3., 2009. **Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação**. Belém (PA): Fórum Mundial de teologia e Libertação, 2009. p. 399-421.

MENEZES, Maria Lúcia Pires (Coord.). et al. **São Pedro de Cima: o nosso lugar**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. (Cartilha, v. 1).

PINHEIRO, Maria Teresa. **Zumbi, rei dos Palmares**. 1989. Disponível em: <http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=7792>. Acesso em: 2 mar. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Mirian de Oliveira. A mulher e a reprodução social da família. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 7, p. 88-92, dez. 2007.

SILVA, Ibernise M. Moraes. **Trabalhador no campo alegria e martírio...** 2007. Disponível em: <<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=31675>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

SOARES, José de Ribamar B. **A maioria penal no Brasil e em outros países**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2006. (Nota técnica).

VELASCO, Bárbara M. de. “Morte à ré...pública” – frente negra brasileira: monarquismo paulista no século XX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 2395-2406.



GLOSSÁRIO

Classes sociais: No Brasil existem pobres, ricos e muito ricos, cada uma dessas pessoas faz parte de uma classe social, ou seja, um grupo de pessoas que tem o mesmo poder aquisitivo, a mesma função, os mesmos interesses.

Etnia: Agrupamento de famílias numa área geográfica cuja unidade assenta numa estrutura familiar, econômica e social comum e numa cultura comum.

Gênero: Conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos.

Identidade: Conjunto de características próprias de uma pessoa, um grupo, uma classe social etc. que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento.

Identitário: Referente à identidade seja de uma pessoa, de um grupo, de uma classe social, etc.